



**A ZULZEJOS**

*Semanario illustrado  
de Sciencias Lettras e Artes*

Proprietario e Director: PALERMO DE FARIA  
Segunda-feira, 12 d'Outubro de 1908

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
R. do Arco da Graça, 42, 1.º  
LISBOA

Officinas d'Impressão e composição  
A LIBERAL  
R. de S. Paulo, 216

Tiragem 6.000 exemplares

**4.ª SERIE**  
Brindes sema-  
naes aos nossos  
assignantes e an-  
nunciantes.

2.500\$000  
OU  
1.200\$000  
por um vintem!

Condições do Sorteio

1.ª — Ver se n'estes  
numeros



está contido o nume-  
ro da **SORIEGRAN-**  
**DE** da **LOTERIA**  
**PORTUGUEZA** de  
15 de **OUTUBRO**; se  
estiver, o possuidor  
d'este jornal tem di-  
reito ao **DECIMO**  
**3543** para a **LOTE-**  
**RIA PORTUGUE-**  
**ZA** de 22 de **OUTU-**  
**BRO** de 1908.

2.ª — A este sorteio teem direito apenas os **ASSIGNANTES D'ESTA REDACÇÃO**, sen-  
do, portanto, excluidas todas as pessoas que comprarem ou assignarem o jornal aos ncssos  
Agentes e Depositarios.

3.ª — O assignante ou annunciante a quem pertencer o decimo será avisado por um pos-  
tal enviado pela redacção.

De relance...

Regresso da praia



— Então que tal esteve a praia?

— Oh! Magnifica! Ganhei 12 contos na roleta; minha filha arran-  
jou um casamento; minha mulher fugiu com o amante; minha so-  
gra foi arrebatada pelas ondas...

# Aluga-se

**ALBERTO FERREIRA**

MEDICO-CIRURGIÃO

Rua Maria Andrade, 10, 2.º-D.

Consultas das 10 às 11

**JANUARIO & MOURÃO**

Ourivesaria e relojoaria

Grande quantidade de artigos em estojos proprios para brindes, desde 1000 réis, joias com brilhantes usados, ouro e prata a peso.

Importação directa das fabricas.

PREÇO FIXO

Rua da Palma, 86, 88, 90, 92 e 92-A

**GATO PRETO**

R. de S. Nicolau, (esquina da R. do Crucifixo)

*Lindissimos objectos para brindes*

Caracteristicos e originaes modelos em

**LOÇA DAS CALDAS**

Artigos de Pintura

Tintas a oleo d'aguarella e pastel. Vernizes, telas, pinceis, papeis e todos os artigos proprios.



**JAZIGOS DE CAPELLA**

**A 200\$000 réis**

8 Logares

Rua da Assumpção, 12 — J. A. CRUZ

**JULIO GOMES FERREIRA & C.ª**



*Fornecedores da Casa Real*

88 — RUA DA VICTORIA — 88

Exposição permanente

166 — RUA DO OURO — 170

Installações completas para agua gaz e electricidade Grande sortido de lustres em todos os generos

FETICEIRO



DAS TREVAS

As cartas dos consulentes devem vir acompanhadas da respectiva SENHA DE CONSULTA, e satisfazer aos seguintes requisitos:

— «Nome de batismo; iniciaes dos sôbrenômes e apelidos.»

— «Anno, mês, dia e hora, se possível fôr, do nascimento.»

— «Côr da péle, dos olhos, dos cabelos.»

— «Altura aproximada, estado de magrêza ou de gordura, comprimento exacto dos dedos da mão esquêrda, tomado do lado da palma da mão; se os labios são finos, delgados ou grossos, carnudos, espessos; sinaes da péle, congénitos ou adquiridos, cicatrizes. Dimensões aproximadas da testa, feitio do nariz. (Um retrato tirado de frente e outro de perfil, seriam excellentes dados.)»

— «Doenças anteriores á consulta. Saude dos paes. Se tem muita ou pouca força muscular e qual o estado de sensibilidade da péle.»

— «Falando ainda dos cabelos será bom dizêr se são macios ou asperos. As veias que se divisam atravez dos tegumentos são cheias e azuladas?»

— «E' alegre, agitado, vivaz, inconstante, facilmente irritavel,?»

— «Adora o prazêr em todas as suas manifestações? Quaes as distrações que prefere?»

— «Tem tendencia para a violencia para o despotismo?»

— «E' cabeludo ou glabro?»

— «Quaes os caracteres da marcha? Costuma andar deprêssa, devagar, a passo largo, a passo curto, com gravidade, baloiçando o côrpo?»

— «Qual é a posição habitual da mão quando caminha? Fechada, semi-aberta, aberta? Tem por habito levar repetidamente a mão á frente, aos olhos, á boca, ao nariz, ás orelhas?»

— «Caminha de mãos nas costas, nas algibeiras? Esfrêga-as muito? Costuma-lhes fazer estalar os ossos? Leva repetidas vêzes a mão ao peito?»

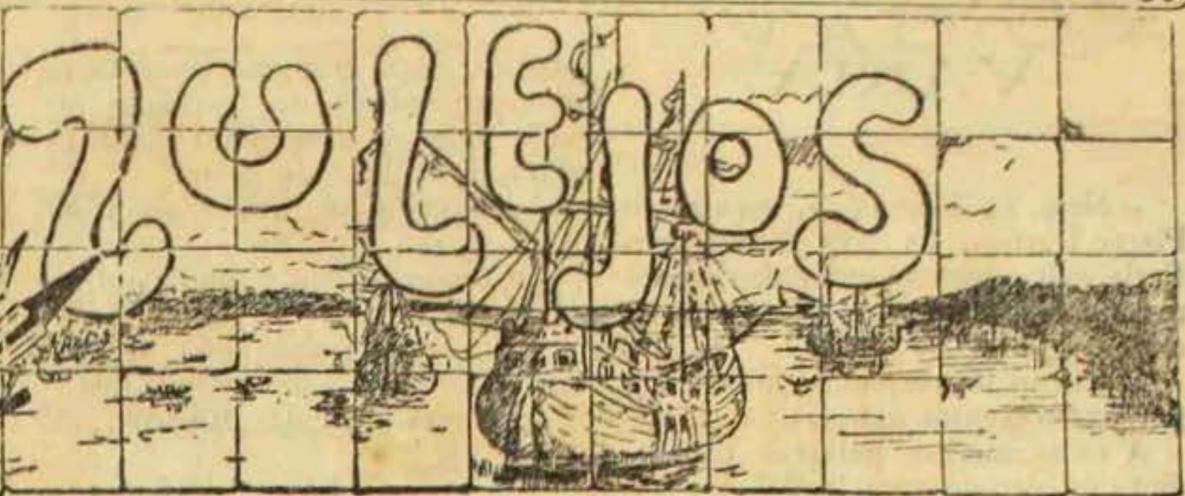
— «Dorme com as mãos fechadas, semi-cerradas, abertas? E' tremulo?»

— «Ha frisante contraste entre a côr dos cabelos da cabeça, da barba e das sobrancelhas?»

— «Gosta de flôres, de fructos? Quaes os preferidos?»

Alem destes esclarecimentos, poderão os srs. consulentes enviar-me quaesquer outros que julguem convenientes. A todos garanto o mais absoluto segredo, a mais completa discrição.

AS CARTAS DEVEM SER DIRIGIDAS A ESTA REDACÇÃO



## Semanario illustrado de Sciencias, Lettras e Artes

Proprietario e Director: PALERMO DE FARIA  
Director Scientifico: ANACLETO R. D'OLIVEIRA  
Secretario da Redacção: BENTO MANTUA  
Administrador: XAVIER DA SILVA

**DIRECTORES**  
Litterarios: J. PACIFICO, EMECÉ e LAMPARINA  
Artisticos: A. LACERDA, C. CRAVEIRO e J. BASTOS  
Musicos: ALFREDO MANTUA e FERNANDO PADU

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:  
RUA DO ARCO DA GRAÇA 42 1.ª  
LISBOA

Officinas d'impressão e composição  
A Liberal — R. de S. Paulo, 216

Segunda-feira  
12 DE OUTUBRO DE 1908

NUMERO AVULSO 20 RÉIS

**Condições de assignatura**  
(Pagamento adiantado)  
SERIE DE 15 NUMEROS  
Lisboa e provincia: ..... 300 rs  
Colonias ..... 400 •  
A cobrança pelo correio é augmentada  
de 60 réis.



### CHÁ

### E TORRADAS

**T**erminára a festa patriótica e os regimentos, acabada a revista, abandonavam o eixo da grande Avenida, procurando as ruas transversaes que mais depressa os levassem a quartéis. Fôra rude o trabalho daquêle dia para os pobres militares: dêsde pela manhan que um labor arduo, e tanto mais fatigante por sêr feito sôbe o olhar duro e aspero da disciplina, fazia suar em bica os os soldados que, nas casernas, entre uma chalaça de mau gôsto e uma recordação dos milharaes da sua aldeia, davam a ultima escovadela á farda, a ultima *brunidade* ao correamo. Depois, lá foram, sôb os raios ardentes dum sol abrasadôr, respirando poeira finamente pulverisada pêla multidão, collocarem-se no lugar onde a sua presença representava a homenagem aos heroes doutrora, mortos gloriosamente no campo da batalha ou voltando ao lar cobertos de loiros, tendo, uns e

outros, cumprido religiosamente o seu devêr

E, acabada agora a festa patriótica, os regimentos abandonavam o eixo da grande Avenida e procuravam os quartéis.

Numa das mais bêlas praças da cidade, esperando as tropas que debandavam, formavam-se grupos, olhava-se a bicha ondulante da infantaria com a semi indiferença com que se vê a sucessão de quadros num animatografo, admirava se o garbo do coronel dos lanceiros, a purêza de sangue do crvallo do tenente A. e á passagem da Artilharia, pessoas debeis e nervosas punham as mãos nas orêlhas e exclamavam enjoadas:

—Que raio de barulho! Os carros da artilharia deviam têr rodas de borracha.

—Bonitos rapazes, bufou uma sopeira de alentadas e redondas formas, olhando a pujança muscular dos condutores das viaturas, da engenharia.

—Mas custam-nos muito caros, exclamou um homenzinho que, a beneficio duma intrujice qualquer, nunca pagára contribuição ao Estado.

—O que é bom não pode sêr barato, exclamou a sopeira, saracoteando-se libidinosamente d'olhos prêsos agora na espadauda figura do mestre da charanga de caçadôres a cavallo.

E assim foi o povo falando do exercito e dando sobre êle a sua opinião de pêso, porque é colectiva: o exercito é bom porque é bonito, tremeluzente d'oiro, variegado em côres e tem lindos homens; é mau porque nos custa dinheiro em barda e porque serve só para acompanhar procissões. E julga o povo, tendo-se expressado assim, que bateu nas verdadeiras téclas das virtudes e dos vicios das instituições militares. Livre-te Deus, oh engordurada *sôpa*, que

o fumo da polvora e o gladio estrangeiro transforme num monstro o teu adorado *cavalaria*; faze votos, meu idiota, que só pensas em furtar-te ao pagamento das contribuições, que as falanges cuja existencia deploras, sirvam para mais alguma coisa do que para acompanhar procissões.

Passava a bandeira do regimento e, no grupo, todos se esqueceram de tirar o chapéu.

De repente, um bebado, firmando-se a custo nas pernas tomadas pêla ataxia do alcool, tira da cabeça a velha gôrra sebenta, travesseiro crónico das noites dormidas nos bancos das praças publicas e, dirigindo-se aos do grupo, exclama entre dois arrôtos d'aguardente barata:

—Então vocês, seus pelintras, seus gajos, passam a vida a tirar o chapéu ao primeiro *bórra-botas* que encontram na rua, á primeira *tapa duvidosa* que lhes pisca o olho, e não se descobrem á passagem da *unica coisa* que neste pais permaneceu immaculada e pura, ao unico *trapo* que não está sujo á unica instituição que, nesta terra merece o respeito publico, á bandeira da Nação.

Vá, canalhas, abaixo os casquêtes, descubram a *torre dos piôlhos*, mênos politica e mais patriotis.no.

In vino veritas!

Ao longe, ouviam-se ainda as cornetas dos regimentos que, terminada a festa patriótica, acabada a revista, abandonavam o eixo da grande Avenida e recolhiam a quartéis.

João Kevê

## VARIA

— Nem você imagina, dizia-me o Pierre Dartois, ha dois mēses, em Paris — a quanto montam diariamente as gorgētas que se dão n'esta cidade.

— Eu sei lá, respondi, andam ahi por uns tresentos mil réis.

A estas minhas palavras respondeu um côro de gargalhadas dos assistentes, todos parisienses.

— Homem, exclamou o Dartois, limpando os olhos das lagrimas que o riso provocára, — você está mais longe da verdade que do planēta Marte.

— Como assim?

— Em Paris, meu amigo, apurouse pela estatística da perfeitura da policia, que a sôma das gorgētas diarias fluctua entre cincoenta e sessenta contos de réis.

— Não me admira e acredito piamente que o Dr. Stockton legasse ao hospital central de Filadélfia seis livros encadernados em pele humana; é para mim um Evangelho a noticia de três officiaes da marinha francesa terem conseguido telefonar sem fio da Mancha á Torre Eiffel; creio que o nadador Peyrusson dá mergulhos, saltando da altura de 31 metros e 38 centímetros; sei que Mistress Qualquer Coisa, americana rica e maluca, propôz ao govêrno francês a compra do Arco do Triunfo; é para mim ponto de fé que o celebre quimico russo Ostromysslensky, tendo conseguido dissolver o carbone a beneficio dum hydro carboneto especial, caminha com a velocidade de cem kilometros á hora para descoberta do diamante artificial.

Em tudo isto creio e acredito, curvo-me reverente diante das grandes loucuras, dos grandes arrojós, das grandes descobertas, mas... convencêr-me de que em Paris se dão, por dia, cincoenta a sessenta contos de gorgētas... ora meus amigos... *à d'autres*.

Riram-se todos da minha incredulidade e chamaram-me tólo; dissêram-me, que, costumado á mesquinhez do meio em que vivo habitualmente, queria avaliar Paris comparando-a com a sovínice lisboêta.

— Sovínice! exclamei, armando em paladino da munificencia nacional, — Lisbôa, é a cidade onde se dão mais facadas, onde ficam *mais* crimes impunes, onde se namora *mais* da janéla e, com certēsa, uma d'aquēlas onde se come *mais* pão.

— Mais pão?!

— Decerto. Um russo come por anno tresentos e dezeseite kilos de pão, um francês dusentos e oitenta, um alemão dusentos e setenta, um hespanhol dusentos e quarenta, um brasileiro dusentos e cincoenta e um português, de Lisboa, quinhentos e quarenta e sete kilos dusentos cin-

coenta e cinco gramas. Exceptuam-se os professôres de instrucão primaria que se alimentam exclusivamente d'espinnhas de peixe.

— Talqualmente como em França, disse um.

— Como em todo o mundo, gritou outro.

— Vocês em Lisbôa não são homens, são sandwiches ambulantes.

— E' uma terra de padeiros, não ha que vêr!

— Já me não admira do fermento politico que por lá anda.

— Rapaz, gritou o Dartois, batendo as palmas para dentro do café — traze uma cervêja para mim e três pães de kilo para este Snr.

— *Garçon*, exclamei, já com o pão a amargar-me na bôca — serve uma *confiture* de guilhotina ao Snr. Dartois. Não posso acompanhá-lo na refeição porque esse doce não existe na minha terra.

Calaram-se todos. Previa se uma scēna desagradavel entre mim e o Pedro.

Neste momento, um tenente de dragões, nosso comum amigo achou o modo de conjurar a tormenta, exclamando de repente.

— Talvez vocês desconheçam uma noticia fresquinha que nos trouxe a Gazeta Medica de Holanda.

— Que diabo d'idea a tua, Um official de cavalaria a lêr gazetas medicas e de mais da Holanda.

— Ainda se fôsse genebra...

— Foi para vêr se encontrava por lá receita que curasse a pulmoeira do meu russo. Mas oiçam. Certo medico d'Amsterdam fez construir um aparélho automatico, semelhante aos que abundam nos *bars*, esquinas de ruas e estações de caminhos de ferro. Essa construcão engenhosa permite-lhe tratar os doentes sem os vêr. A maquina tem a forma humana e, correspondente a cada orgão, existe uma fenda destinada a recebêr: uma moeda de cincoenta centimos. O doente que sofre do coração, do figado, etc., introduz a moeda na fenda correspondente ao orgão doente e recebe da mão do manequim um cartão contendo, impressa, a receita e a morada do boticario que deve avial-a.

— E' engenhoso, na verdade, mas estou daqui a vêr uma Snr.<sup>a</sup>, coitada, em frente do manequim dum homem a querer achar fenda para a sua doença... e... nada.

Uma gargalhada franca e geral acolheu a *piada*; desfêz-se o gēlo que ameaçava resfriar as relações amistosas que me uniam ao Pierre Dartois.

Beberam-se alguns copos daquêle venenozinho pue em Paris dá pêlo nome de cervêja de Strasburgo. O Dartois esvaziou a *canette*, colocou-a pausadamente sôbre a mēsa e, virando-se para mim, exclamou, numa grande expansão de sinceridade:

— Confesso que a cervêja Pilsener Germania que bebe em Lisbôa, é

superior a todas as cervêjas do mundo.

— E' essa a idéa, exclamei estendendo-lhe a mão, que faço da delicadēza francêsa.

Fômos dali para as Folies Bergères.

ARIOSTO PALMANDO.

## ESPIRITISMO

Uma sessão com o Medium Miller

POR

Gabriel Delane

(Continuação)

Quasi a seguir mostra-se uma outra forma, que sempre voltada para M. e M.<sup>me</sup> White, diz distinctamente: «Margaret Temple» e accrescenta: «a<sup>da</sup>». M. White declára que é em verda<sup>d</sup>e o nome de sua avô. Circumstancia a notar, M. White, que vive na Europa desde ha muitos annos, não conhece absolutamente Miller este nem sequer sabia que White devia assistir á sessão.

Uma outra forma, de grande estatura, mostra-se por um instante e pronuncia com carregado assento inglez o nome de Allan Kardec.

Durante toda esta primeira parte o medium está assentado ao meu lado, não dorme e responde ás minhas perguntas. Não posso vêr o seu braço direito, mas sinto o contacto do seu braço esquerdo.

Então, a voz de Belzy pede para se inspecionar o gabinete, em que agora Miller deve entrar. Letort e Chaigneau tomam a lampada e examinam as cortinas, a cadeira, o tapete da cama, os sellos e declaram que tudo está normal.

Voltam ao seu logar; abaixa-se a luz; faz-se a cadeia e a caixa de musica toca uma área.

De repente, uma cousa branca, parecendo um braço, mostra-se no ar; á altura da parte superior das cortinas; parece ter cerca de 0,50 centímetros de comprimento. O medium não está em transe, intervindo por vezes na conversação.

Passados poucos instantes, uma bóla esbranquiçada é visivel no ar; desce, baloiçando se á direita e á esquerda até ao soalho, perto da minha perna direita. Vê-se este núcleo agitar-se, augmentar em altura, engrandecer progressivamente, fóra do gabinete, mas perto da intersecção das cortinas. Emfim distingue-se o todo d'uma forma humana, envolta em roupagens brancas, ouvindo se uma voz que nos diz em inglez chamar-se Lily Roberts, de Philadelphia, e que seu pae Jonathan Roberts fundára o primeiro jornal espirita, que se chamava *Espirito e Materia* (Mind and Matter).

Accrescenta que morreu em 1866, na idade de 66 annos.

Do meu logar, distingo a fôrma dos braços que se agitam, mas a luz é bastante fraca para me permittir vêr o rôsto: distingo apenas o contorno arredondado d'uma cabeça cingida de veus. Esta fôrma volta ao gabinete.

Poucos momentos depois, uma outra forma, menos distincta apparece entre as cortinas, pronnciando o nome de Antonio e depois um outro que se não comprehende. M.<sup>me</sup> Letort pergunta se algum assistente conhece este nome. Uma senhora responde affirmativamente e pede á apparição para dizer o seu nome de familia. Silencio. A fôrma entra no gabinete, e feito o pedido para dar alguma prova, ouvem-se 27 pancadas, numero que corresponde ao dos mezes desde que morreu Antonio. — Ver vos hei? — Perguntou-se. Muitas e repetidas pancadas foram dadas.

Ouve-se tambem assobiar no gabinete. Letort e White declaram que esta especie de marcha é a mesma que foi ouvida, ha alguns mezes, com o medium Peters.

E' igual á que o filho de M. White tinha o costume de trautear machinalmente quando era vivo.

Ao meu lado, portanto á direita do gabinete (com relação aos espectadores) apparece uma fôrma branca, cujo perfil delicado parece d'uma mulher. Não posso distinguir a cara, mas vejo uma especie de banda luminosa que lhe circumda o cimo do que devia ser a cabeça. A luz é fixa, levemente azulada e não irradiá.

(Continúa).



## A partida de bilhar

POR

Gervasio Lobato

Numa noite de baile no Club, emquanto as senhoras, muito direitas e scilenciosas dentro das suas *toilettes* de festa se miravam desdenhosas e cheias de curiosidade, á espera que a animação chegasse na sola dos sapatos de polimento de meia duzia de rapazes, — os leões da sala — que de manhã são amanuenses, e á noite dansadôres que substituem com grande vantagem d'elles e nossa, a palavra pelo passo, a ideia, pela pirueta, o cerebro pelos pés. Os homens agrupavam-se quasi todos numa das salas de jogo, em torno dum bilhar, onde dois jogadôres excepcionaes disputavam a sorte duma partida ás cem, rindo, conversando e fazendo prodigios com as tres bolas de marfim, luzidias e velozes.

Effectivamente eram dois jogadôres extraordinarios, e cada um com seu jôgo, inteiramente differente valia bem o outro.

Eram ambos militares.

Um tinha a farda de general, era alto, corpulento, avermelhado, com os cabellos meio brancos meio louros como a prata dourada velha, quando o ouro começa a cair. A pera comprida e o bigode amplo e farto, tão brancos e regulares, que, dir se-hia uma caracterisação theatral, davam um tom marcial á sua rude e franca phisionomia suavizada pela doçura duns olhos de *miss*.

Ao bilhar o seu jôgo, era um jôgo regrado, methodico, scientifico.

As bolas obedeciam-lhe como se as puchasse por um cordel.

Em uma tacada, muito branda, juntava a um canto do bilhar as tres bolas e ali quasi sem se mexêrem, ouvindo-se apenas um ligeirissimo *tic-tac* fazia vinte e trinta carambolas num minuto.

O seu parceiro era inteiramente o contrario d'elle como homem e como jogadôr.

Era um alferes de romance, um rapaz magro, franzino, nervoso, com uma cintura de dama, uns olhos negros e grandes, donde irradiavam em pleno ardor todas as paixões de vinte annos, uma bocca de cherubim com um buço de adolescente — o eterno sonho das mulheres de quarenta annos — e uma expressão melancolica e romantica, mais de caixeiro de loja de modas do que dum alferes saído da Polytechnica.

O seu jôgo ao bilhar era um jôgo doido, caprichoso, cheio de phantasia e de effeitos, inesperados, brilhante e ruidoso como um fogo d'artificio. As bolas giravam loucamente pelas tabelas, com a rapidez de settas, encontravam-se, batiam-se, separavam-se para se encontrar de novo, descreviam curvas estranhas, davam saltos de clowns, arrastavam se como reptis pelo panno verde e cheio de sombras, cortavam o bilhar em todas as direcções como uma grande girandola de foguetes e no fim iam carambolar inesperadamente, phantasticamente, com uma regularidade extravagante.

Eram realmente dois jogadôres excepcionaes, dois atletas de igual força, que todos os dias gladiavam ao bilhar sem que se lhes pudesse notar primazias.

A partida tinha começado nesse mesmo instante e estava já a acabar.

Quando o general fazia a ultima carambola no meio de vivas acclamações começava a tocar-se uma valsa.

— Queres a desforra? perguntou elle sorrindo ao alferes.

— Logo; agora quero a valsa.

— Vae, valente militar, sentiste já o toque de alarme e queres-te lançar intrepido na batalha? Anda batalhadôr das damas, vae para o teu posto de honra.

E o alferes correu á sala emquanto o general ficou afagando a opulenta pera e fallando d'elle a um coronel maneta que estivera assistindo á partida.

(Continúa)

## VADIO

N'um recanto da rua, ao voltar da esquina,  
A' merencoria luz de um candieiro báço,  
A' hora em que adormece a lucta citatina,  
E a turba-multa cede ao perennal canção,

Uma pobre mulher, com vinte annos talvez,  
De um soberbo perfil e olhar enfeitado,  
Corpo airôso e gentil — (encontrei uma vez,  
Por acaso ao passar) — falando ao namorado.

Elle um typo vadio, symbolico bargante,  
A ponta do cigárro entre a orêlha e a mel-  
lêna,  
Era de esguêlha o olhar, a côma turumbante,  
Mais sordida talvez que a fêlpa de uma hyêna

Então senti desejos de gritar: — Creança!  
Pois tu não vês que tens um bandido ao teu  
lado.

Que te diz bello o olhar e setinosa a trança,  
P'ra te roubar a honra e te arrastar ao fado?!

Que enquanto pensas, pômba! voar no im-  
menso espaço,  
Partir do teu pombal com tal pômba ma-  
riôla,  
Elle pensa talvez em te armar um laço,  
Que te ha-de levar ás grades da gaiola?!

.....  
— Mas contive me e até passei quasi em  
surdina,  
Emquanto ella a sorrir fallava-lhe em se-  
grêdo,  
N'um recanto da rua, ao voltar da esquina,  
N'uma expressão de amor, em vez de hor-  
rôr e medo!

Agosto de 1008

A. DE SANTA RITA.

## Desilludido...

I

Quando dantes de mim te despedias,  
eu sentia nos beijos que me davas,  
que saudosa de mim te apartavas;  
e essa auzencia era apenas, poucos dias...

Quanto tu me deixavas, e partiâs,  
quantas vezes atraz ainda tornavas,  
quantas vezes de novo me osculavas,  
com que custo de mim te desprendias...

Hoje então, que te vês, que vês partir  
e pr'a sempre, talvez; tão descuidosa  
eu te vejo, tranquilla, ao despedir...

E eu em vez de mostrar-te desagrado  
sô desejo que sejas venturosa,  
tão feliz quanto eu sou desventurado!

II

Quão breve me olvidaste, e quão ligeira-  
mente  
qual fumo, se evolou do teu peito incons-  
tante  
essa paixão fallaz, capricho de um instante  
que eu, cégo, acreditava inconscientemente!

Quão breve me esqueceste, e sem dó, du-  
ramente,  
impiedosa feriste a minha alma constante!  
Era um fugaz amor o teu amor de amante  
mais que amor era em mim, era o fervôr  
de um crente!

E eu crédulo, poeta, ingenuo, sonhador,  
hei-de sempre soffrer a cruciante dôr  
de em ti haver descrido, e hei de soffrer ainda

A pena dura, atroz, de n'esta amarga vida,  
chorar desilludido uma illuzão perdida  
e recordar saudoso uma saudade infinda!

111

Quanta esperança meu peito acalentava.  
quantos sonhos, chiméras, fantasias!  
Lêdo, absorto, passava inteiros dias,  
quantas noites sonhando assim passava!

Nem sequer em dormindo repousava;  
sempre a mente em trabalhos, em porfias  
sempre esperanças, venturas e alegrias,  
quaes castellos no ar, architectava!

A enganosa illuzão já despresei;  
não mais cuida, nem mesmo sonhar pensa  
minha mente, meu peito angustiado!

Eu de tantas venturas que sonhei  
só logrei desventuras e descrença!  
Mais valéra não ter nunca sonhado!

N. RICK

## Sem mãe!

Ao meu amigo Francisco Dias

Ao centro do quarto acanhado,  
numa cama andrajosa, a doente ago-  
nisava ante o espectro macilento e  
cadaverico da morte que se approxi-  
mava sinistramente, na ancia doloro-  
sa de uma existencia cara que perece.

Na parede uma candeia de petro-  
leo ardia serenamente, com uma luz  
amarellenta, atirando ao ambiente es-  
piraes de fumo que depois iam desfazer-se numa poeira negra.

Do lado ouvia-se o roer socegado  
de alguns cavallos.

—Ai... que morro!...

E a mulher contorcia-se numa gran-  
de suffocação, tentando erguer se no  
leito como que a procurar um al-  
lívio para tamanho soffrimento. De-  
pois ouvia-se um «ai» rouquenho e a  
doente com olhos incendiados e a ca-  
beça a estalar-lhe num grande febrão  
cahia pesadamente no leito.

—Minha mãe!...

Era o grito unisono de trez crean-  
ças enlezadas que viam fugir-lhes o  
unico amparo e que ficariam assim  
sós no mundo immenso, sem pessoa  
alguma que as acariciasse.

A' cabeceira do leito estava pen-  
durado um Christo pregado na cruz  
observando, com um riso cynico nos  
labios, o espectáculo horroroso que a  
seus pés se desenrolava. Os pequenos  
correram para elle, para esse Deus  
*omnipotente*, crendo que nelle residia  
a unica esperança porque, como lhes  
haviãam dito era *summamente bom* e  
com toda a fé, ajoelharam, orando fer-  
verosamente.

—Meu Deus; fazei com que nossa  
mãe melhore depressa pois que nós  
sem ella não poderemos viver. Somos  
ainda tão pequenos!... Meu Deus  
tende compaixão de nós!...

O mais duro coração ouvindo estas  
suplicas ditas entre lagrimas, apiedar-  
se-hia daquellas infelizes creanças lan-  
çadas ao abandono, á fome, á miseria  
com a morte da mãe.

O Christo porem olhou-os desdenho-  
osamente, carregou o sobr'olho e notou-

se-lhe como que um leve encolher de  
hombros.

Era a decisão terrivel, infame.

—Agora... sim... mor... ro...  
meus... fi... lhos... a... deus...

Os petizes correram chorando para  
o leito. A mãe erguera-se outra vez  
nos cotovelos com a respiração rui-  
dosa e difficil; olhou para os filhos  
num arranco supremo e cahiu para  
traz como uma massa inerte.

Tinha morrido.

A luz continuava a arder serena-  
mente, sempre amarellenta, lançando  
ao ambiente espiraes de fumo negro.

Do lado o mesmo ruido incessante  
dos cavallos.

No ar evolava-se uma musica de  
choros e de lagrimas.

Nos labios do Christo accentuava-se  
cada vez mais o riso cynico...

ABEL GOMES BOTELHO.

## Ladainha do Vaticano

Maldito sejam sempre os fructos da Ver-  
dade,

O verbo da Razão e o verdadeiro Amór!  
Bem dita a Estupidez atroz da Humanidade,  
Bem dito seja o Mal, bem dita seja a Dôr!

Maldita seja a luz fulgente da Sciencia,  
Que tem, ao rutilar, reflexos d'Ironia!  
Bem dita seja a Treva em nossa consciencia,  
Bem ditos os punhaes, bem dita a Hypocrisia!

Maldito o que intentar apenas descobrir  
As origens do Mundo e arcanos do Porvir!  
Maldito o sabio louco, oh! sim, maldito  
seja

Bem dito o Lupanar, bem dita a Corrupção,  
E a colera de Deus e a Santa a Inquisição.  
Bem dito seja o mal, bem dita a Nossa Egre-  
ja!...

Lx.º 3 outubro 908

MAC-ILLERNO.

## Sparsa...

Morta já! inda na infancia  
Quando a vida te sorria  
Quando tudo te dizia,  
Ventura paz e amor,  
Desprendes da vida os laços,  
E vòas pelos espaços  
A acolheres-te ao Senhor!

Que resta de ti na terra,  
Onde tão breve passastes  
A saudade que deixaste,  
Na transição para o Ceu!  
E como lembrança qu'rida,  
Da tua tão curta vida,  
A cruz do teu mansoleu!

ANGELO PITOU.

## Enlevo...

O meigo gesto teu, linda creança,  
Fascina-me desde o dia em que eu o vi,  
E faz-me recordar, na semelhança,  
Uma mulher que amei e que perdi!

Ai! não deixes de olhar! mas, tu ignoras,  
O quanto ao contemplar te sou feliz.  
E que maguas d'esta alma tu minoras,  
Se quando passo a ver-te, me sorris.

ANGELO PITOU.

## Descobertas importantes

Mãe e filho

Aos meus queridos compadres  
e sobrinhos Victoria e Dr. José  
Albino P.ª de Carvalho no  
1.º anniversario do seu filho e  
meu afilhado José.

Logo assim que o filho nasce  
Tem no sempre ao pé de si  
Beijando-lh'a sua face  
Como á rosa o colibri  
E qual se o premio tirasse  
D'uma grande loteria  
Diz no auge d'alegria:  
—O meu filhinho já ri!...

Vê que o menino não caia...  
—Tomba aqui, allí tropeça  
Agarrado á sua saia,  
Quer andar muito depressa!  
Chamando-o para seus braços,  
Diz a mãe lá da varanda,  
Quando elle deu dois passos:  
—O meu filhinho já anda!...

Traz a casa em reboliço  
Da cozinha até á sala!  
Ninguem s'importa com isso...  
No dia em que repetiu  
—Mamã, papá e vóvó—  
Foi dia de grande gala!  
Disse a mãe quando o ouviu:  
—O meu filhinho já falla!

Vae guardando cuidadosa  
Mais um, mais outro brinquedo  
Espalhado pelo chão.  
Andando mui cautelosa...  
Quasi que diz em segredo:  
Ai que socego enorme!  
Não façam barulho, não:  
—O meu filhinho já dorme!

P. S.

E no labutar insano  
D'este idyllio tão risonho,  
Passou o primeiro anno  
Tão ligeiro como um sonho!...  
Que a vida de Zezinho  
Tão feliz e longa seja  
Como d'alma lhe deseja  
Avó, os paes e padrinho.

Commendador J. DE PAIVA SOARES DINIZ.

## Pensamentos

A mulher menos jesuita é mais jesuita  
do que o jesuita menos jesuita.

BALZAC.

Os governos chamem-se elles:  
Monarchia, Republica e Socialismo serão  
sempre uma fórma de explorar os povos.

JOÃO BONANÇA\*

Anarchia: é o fim grandioso para que  
tende a Humanidade; e que será alcançado  
n'um futuro tanto mais proximo quanto  
mais activa e constante fór a propaganda  
dos revoltados no intento de derrubar tudo  
o que possa ofender os sentimento de jus-  
tiça, Liberdade e Amór!

MAC-ILLERNO.

## As sete maravilhas do mundo

### O Jupiter d'Olympia

Olympia era mais um lugar santificado pelas tradições legendarias e pelo culto dos deuses do que uma cidade.

Tudo ali era prodigio; a própria natureza se apresentava misteriosa.

Diz-se que para commemorar a victoria alcançada por Jupiter sobre Chronos que lhe disputara o imperio

sacerdotes e guardas do templo, formavam a população; havia muito mais monumentos do que habitações; os deuses e os heroes estavam alli como que em sua casa; os homens eram considerados como hospedes dum dia.

Os principaes edificios sagrados de Olympia agrupavam-se em um bosque chamado Altis, rodeado por uma muralha. Tinha quatro portas; a primeira era reservada á passagem dos cortejos pomposos; a segunda dava

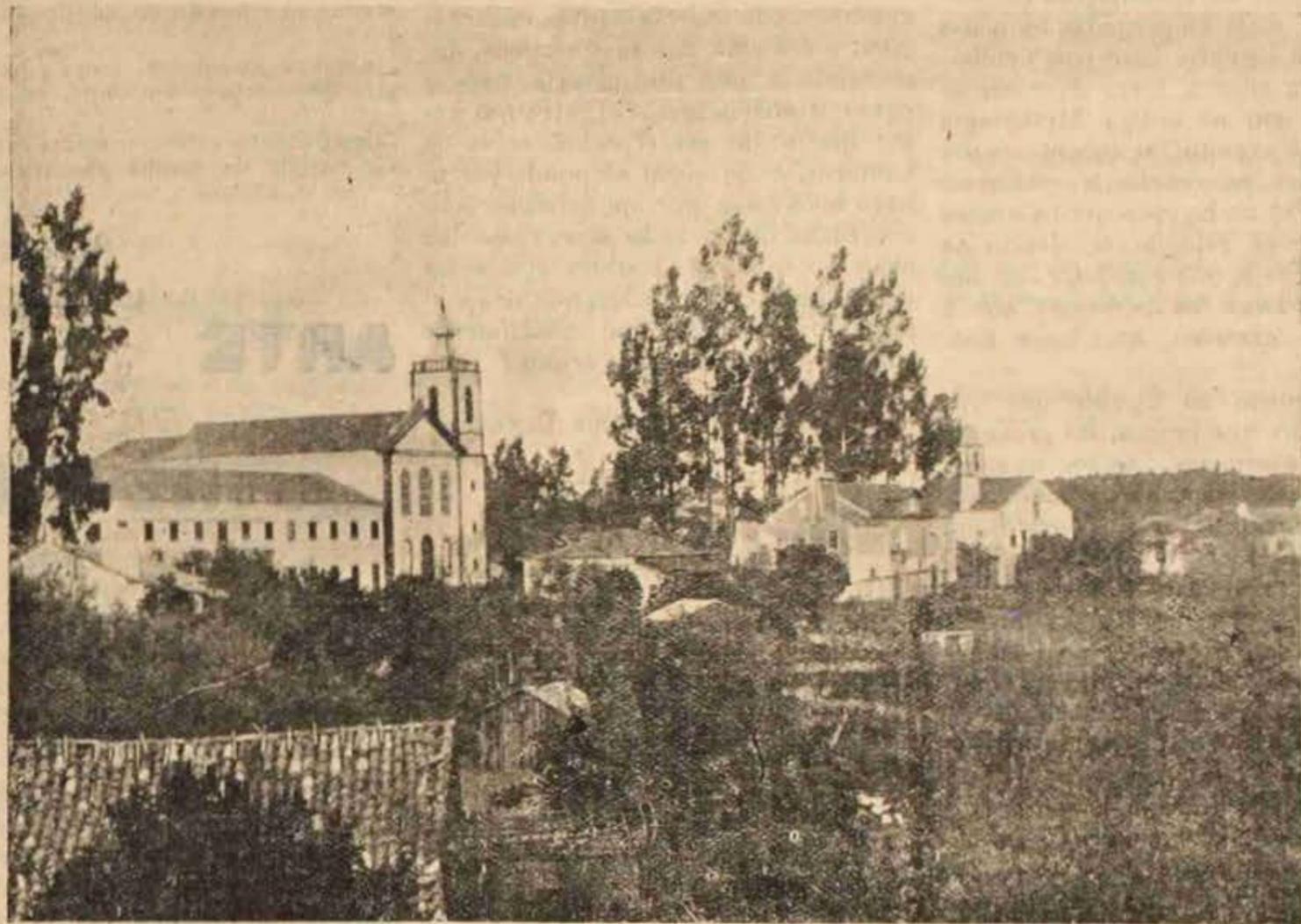
tatuas. Os deuses reuniam alli um cortejo formado por todas as grandezas da terra.

Havia finalmente o templo de Jupiter, construido por Libon.

Era de enormes proporções: setenta e oito pés de altura; noventa e cinco de largura; duzentos e trinta de comprimento; as columnas mediam mais de dois metros de diametro.

Este templo foi recebendo novos thesouros de cada epoca e de cada povo; toda a victoria lhe dava um

## Portugal pittoresco



SERNACHE DO BOMJARDIM.—*Collegio das Missões*

do mundo, instituiu Hercules os jogos solennes chamados jogos olympicos.

Olympia, nos dias daquellas festas esplendidas, devia offerecer um espectáculo soberbo. Via-se ali representada toda a Grecia: o espirituoso atheniense, o rude spartano, o pesado beocio, o cretense subtil, os habitantes de Messena, os de Delphos, os de Thebas, os de Epidauro, os que vinham das ilhas, aquelles que na Asia, na Gallia e na Sicilia se recordavam de que os seus antepassados tinham nascido naquella terra de Hellade, tão fertil em filhos gloriosos.

Era uma reunião de familias; o passado revivendo no bronze das estatuas, no marmore das frontarias, saudava alli o presente.

Em Olympia acotovellava-se, então uma multidão immensa.

Em qualquer outra occasião poderia facilmente contar-se o numero dos seus habitantes, porque apenas alguns

para o hippódromo; a terceira fazia face ao gymnasio; a quarta olhava para o estadio. Havia ainda outra, muito mais pequena, unicamente serventia dos sacerdotes e dos homens do seu cortejo.

Havia no Altis um templo consagrado a Juno e que era o mais antigo edificio de Olympia. Seguia-se pela sua importancia, o Metroum, grande templo dorico, erguido á mãe dos deuses, onde se viam campeando os imperadores romanos em companhia dos immortaes: Trajano com Marte, Adriano com Mercurio. Os heroes equalavam alli os deuses.

Alli se viam tambem as estatuas de Antigono, de Seleuco de Alexandre e Ptolomeu, filho de Lago.

Rei ou general feliz, conquistador ou simples athleta, todo aquelle que cingisse um diadema de ouro ou enramasse a fronte de louros, revivia em Olympia, na consagração das es-

tropheu e os inimigos pareciam porfiar em o tornar o mais esplendido de todos.

Sobre o zimbório, una Victoria alada sustentava um escudo de ouro; fizeram-na com os dizimos dos despojos da victoria, os lacedemonios, vencedores dos athenienses e dos argios, em Tanagro. Mummiu presenteou-o com vinte e um escudos dourados.

Foi Alcámenes, de athenas que esculpturou o frontão de oeste, onde se viam os centauros, combatendo os Lapithos, nas bodas sanguinolentas de Piritho. Pecino, de Mendea, na Thracia, esculpturou o frontão de este, onde se figurava o rei Oenomeo, vencido e moribundo na corrida do carro e triumphante o seu feliz vencedor Pélops que mereceu por isso a gloria de governar o paiz e dar-lhe a seu nome. Poenio modelou tambem a gigantesca Victoria de bronze que pairava no cume do frontão.

## ESTUDOS DE OCCULTISMO

## SYMBOLISMO

(Continuação)

O vulgo só vê na narração da historia symbolica a enumeração dos factos, o sabio descobre nella o enunciado de uma lei; o iniciado, elevando-se mais alto, descortina nella o principio gerador das leis e o mechanismo pelo qual ellas se desenvolvem.

Passemos a citar alguns exemplos, para melhor comprehender o que acabamos de expor. Varios symbolos empregavam os antigos occultistas, para designar as encarnações do Ser. Uma das mais empregadas foi a das viagens ao Egypto. Este paiz symbolizava para elles a terra da encarnação. Por isso na antiga Mythologia (historia do occulto), se encontram por varias vezes referencias a este symbolismo. Foi no Egypto que os irmãos de Jupiter se refugiaram, depois de serem por elle derrotados. Foi abi que este Deus os perseguiu sob a forma de carneiro, até fazer com elles a paz.

Foi tambem ao Egypto que Isis com o filho nos braços, foi procurar Osiris, a quem seu irmão, o genio do mal, tinha lançado ao mar. Esta viagem foi mais tarde reproduzida no Evangelho de S. Matheus, na viagem da virgem Maria com o menino Jesus ao Egypto, fugindo aos furores de Herodes. Encontra-se no Pentateuco a mesma imagem. Moysés, querendo symbolisar a encarnação de Israel, fal-o baixær ao Egypto, onde se torna escravo de Pharaó.

Outro symbolismo digno de nota é o ideado na lenda de Prometheu, o qual, preso a um rochedo do monte de Cancaso, é o emblema do Ser preso ao corpo material. O fogo divino roubado ao ceo, é a imagem da alma, que, sendo de origem divina, não pode ficar unida ás cousas materiaes.

Para representar porem o facto da encarnação, foi o *naufragio* o mais usado de todos os symbolismos. Já dissemos no nosso artigo anterior que, alem do mundo physico, os *occultistas* admittiam diversos mundos, formados por substancia cosmica cada vez mais subtil. Estes mundos succedem se uns aos outros por transições insensíveis e penetram-se mutuamente. Ao mundo physico succede o mundo astral, a este o mental, etc. E' o que explica o sentido de aquella phrase que Jesus diria aos apóstolos na noite da ceia:

...na casa do meu Pae ha muitas moradas...

Ora, se nós nos suppozessesmos no mundo mental, a impressão que sen-

tiriamos, ao examinar o fluido astral mais denso do que aquelle em que habitavamos na hypothese, seria analogicamente a mesma que sentiriamos no mundo physico em presença do elemento liquido. Por isso, em muitas das historias symbolicas da antiguidade, a expressão *aguas* tem um sentido occulto que significa a substancia cosmica que forma o mundo astral.

Algumas de essas historias foram compiladas a trouxe-mouxe por algum ignorante de *occultismo*, num livro arabe, que foi traduzido em diversas linguas europeas com o titulo de *mil e uma noites*. Nellas apparece frequentemente o termo *naufragio* empregado neste sentido. Na historia de *Sinbaa o maritimo*, este naufraga sete vezes, symbolizando outras tantas encarnações; e em uma das suas viagens, apportando a uma ilha deserta, onde o navio o abandonou, encontra um velho que se lhe escarranchou sobre os hombros, e de quem só poude ver se livre mais tarde por um artificio. Não é verdade que o *velho mar*, como lhe chama o auctor da historia, symboliza perfeitamente as paixões, que se apossam de nós e de que difficilmente conseguimos desembaraçar-nos?

ARTHUR BENONI.

## VERSOS...

(Num anniversario)

Com franqueza! isto de versos  
Não captiva e aborrece;  
Lê se, ás vezes, por ter graça,  
Mas depois de lido... esquece.

Versos! que valem os pobres?  
Não dam pão nem dam abrigo!  
Mais não podem traduzir-nos  
Que o affecto dum amigo!

E aquelle affecto o que vale  
Embora puro e sincero,  
Se a benesse que se adora  
Nelle não passar de zero?

Hoje em dia, minha amiga,  
O que se quer, é viver!  
Versos, não; coisa que valha  
Ou que seja de comêr...

Eu, comtudo, (incorrigivel!)  
Como tenho... os bens dispêrsos,  
Em vez de dar que se veja  
Dou só isto: pobres versos!

Mas... Desponta a Primavera  
E com ella mais um anno  
Na tua leve existencia  
De esperanza e desengano.

E' costume o «parabem»?  
Pois... parabens aos cabazes—  
Saude, massa e amor  
De alguns centos de rapazes...

Eu, porém, nem a saude,  
Nem a massa, nem o resto...  
Disso tudo tive muito,  
Mas... rompeu-se o fundo ao cesto!

Com franqueza! isto de versos  
Não captiva e aborrece;  
Lê se, ás vezes, por ter graça,  
Mas depois de lido... esquece!

EDMUNDO D'OLIVEIRA.

## Ao meu amor

Se alta noite comtemplo o firmamento in-  
findo,  
— mmeroso em tua imagem perturbante e fina,  
As strellas mil eu vejo d'um resplendor lindo,  
E identes atravez a immensa neblina;

E na que tem mais brilho, na estrella polar  
Divino o teu olhar eu julgo ver fulgir,  
— immensamente calmo, terno, a rebrilhar,  
Annuncio d'uma Au. ora que desponta a rir...

Luminosa, no entanto, rompe a madrugada.  
Eis que surges, meu Anjo, ao fundo da

janella!  
Digo baixinho então.—a mente extasiada...  
«A estrella da manhã não era assim tão  
bella!...»

MANOEL CHAGAS.

## ARTE

DE

## THEATRO

Principe Real — *Sapho*,  
peça em 5 actos de Alphonse  
Daudet e Adolphe Bel-  
lot Traducção de Cunha  
e Costa.

*A Sapho*, peça firmada por dois auctôres francezes, de pulso e correctamente traduzida por Cunha e Costa, é uma peça cheia de lances e situações dramaticas que prendem por vezes as atenções do publico.

No desempenho salientou-se Maria Falcão no papel de Fanny que foi a nosso vêr, talvez pouco verdadeira no 2.º acto, mas que no 3.º e 4.º actos, nos apresenta um soberbo trabalho em que mais uma vez affirma as suas esplendidas qualidades de artista.

Pato Moniz bem num papel de importancia secundaria, o engenheiro Decelette que consegue fazer sobresaír. Jorge Gentil no papel de João Gausin que nunca lhe deveria ter sido distribuido, pois é de grande responsabilidade, (devendo por isso só ser desempenhado por artista de maior envergadura) dá-nos em vez dum rapaz loiro delineado pelos auctores um triqueiro de cabellos pretos,

Adelia Pereira bem na ingenua.

Reis natural, mas, affastando-se immenso da personagem creada pelos auctores.

Os outros não desmancharam o conjunto, não tendo comtudo o preciso conhecimento da peça.

Scenario bom. Guarda-roupa regular.

**Quando ella passa**

(Velho Thema)

Pois si ella passa de-peitando as flores!  
Pois si ella ri-se enciumando a estrella!

Leoncio Correia.

Quando ella passa trescalando a Aglaia  
Quando ella passa lêda e fugidia:  
— O sol a pino, flácido, desmaia  
— E a natureza em festa se irradia.

Quando ella passa, em plena soberbia.  
Pisando firme e segurando a saia,  
Foge a tristeza e foge a nostalgia  
E a primavera, em frémito, se ensaia.

Quando ella passa por jardins florentes  
As proprias flores quedam-se nas hastes  
E a brisa silva em vagos rumorejos!

Quando ella passa, lá no céo, ridentes,  
Venus e Phebo tremem nos engastes  
E no ar esplende a musica dos beijos!

EDGARD AYRES,

**CURIOSIDADES****Um relógio ao alcance de todos.**

Qualquer pessoa, só com o auxilio da sua mão esquerda e duma palhinha, pode obter um quadrante solar ou relógio de sol, que lhe indicará as horas com a maior facilidade.

Para isso basta estender a mão esquerda aberta, com os dedos unidos e a palma voltada para cima e collocar verticalmente uma palhinha entalada, por uma das suas extremidades, na junção do indicador com o pollegar. O comprimento da mesma para cima da mão deve ser igual ao comprimento do indicador a partir dessa junção. Em seguida é preciso voltar as costas ao sol e orientar a dita mão por forma que a sombra da parte mais alta e musculosa que se encontra ao fundo do pollegar, termine na linha media da palma da mão a que alguns chamam *linha da vida*.

Ver-se-ha então a palhinha projectar a sombra sobre os dedos; e eis como podem saber-se as horas. Se a extremidade da sombra, cae na extremidade do indicador são 5 h. m. ou 7 h. t.; na extremidade do dedo medio, 6 h. m. ou 6 h. t.; na extremidade do annular, 7 h. m. ou 5 h. t.; na extremidade do minimo, 8 h. m. ou 4 h. t.; na articulação superior do minimo, 10 h. m. ou 2 h. t.; na raiz do mesmo 11 h. m. ou 1. h. t. e finalmente se a sombra cae sobre a palma da mão, seguindo uma das linhas della é meio dia.

Não ha relógio mais simples, nem mais economico. Usam muito d'elle os camponeses, quando andam no trabalho em sitios afastados do povoado e onde se não ouvem horas.

**Um quadro em branco.**—Um visitante percorria as diferentes installações do hospicio de alienados de Charenton em França. Entre varios reclusos que lhe atrahiram as attentões, notou um, que tendo deante de si uma toalha fixada a um cavalete improvisado e, manejando um pequeno pãu, á guisa de pincel simulava estar pintando um quadro e mostrava-se todo absorto na sua tarefa.

Ao approximar-se o visitante, interrompeu o artista o seu chimerico trabalho e disse-lhe cheio de enthusiasmo:

— Vem vêr o meu quadro? Que tal acha? Magnifico não é verdade?

— Magnifico, certamente; mas quer ter a bondade de me dizer qual é o assumpto?

— A passagem do mar vermelho pelos hebreus— Ah! sim! Mas então onde está o mar?

— Retirou-se para elles passarem.  
— E onde estão os hebreus?  
— Já passaram todos.  
— E os egypcios?  
— Esses ainda não chegaram.  
Não havia que replicar. O quadro estava realmente completo.

**FEITICEIRO DAS TREVAS**

*Consulente:* — *Atice L. B.* (Junho de 1908).

O horoscopo não é bom! Perigos imprevistos, catastrofes, traições. E' o Escorpião que o manda; no entretanto, Jupiter em boa posição diz-lhe, que tudo pode ser conjurado se tiver sempre em alto apreço a sua honra e dignidade. Necessita sêr bondosa, caritativa, nada vaidosa, desadorar a ambição e mantêr-se sempre na senda do bem e da virtude. Se tiver a coragem necessaria para os grandes sacrificios que o exercicio da *Alta Virtude* exige, quebrará os dentes ao bicho, cortará as unhas á fera, esganará o mal e a *Côr Branca* triunfará!

Enveredando pêla boa senda, o seu casamento será precoce e feliz e aparecer-lhe-ão proteções providenciaes e inesperadas nos momentos mais dificeis e crueis de sua vida.

A primeira vez que vir o homem que hade sêr seu marido, será num jardim ou no campo, em todo o caso num sitio onde existam arvores. O casamento efectuar-se-á seis mêses depois deste primeiro encontro.

V.<sup>a</sup> Ex. hade gostar de gatos e embirrar com passaros.

Será mãe de muitos filhos: dará preferencia a um dêles e esses mimos prejudicarão o futuro da criança que será infeliz em todos os negocios que tentar.

Deve alimentar-se principalmente de carnes brancas e ortaliças. Despreze a carne de vaca, o vinho e todos os alcoolicos, as pastelarias e o chá forte.

G. C.

*Consulente:* — *Aline L. B. C.* (Junho de 1908)

Uma boa sina, a de V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> a não sêr que a exaltação sentimental que forma o alicerce do seu character, sobrepuje as belas qualidades da sua alma. Tome muito cuid do; não empregue a sua força, a sua actividade e a sua coragem, que são grandes, senão no exercicio dos altos cometimentos, d'aquêles que enobrecem a alma, que honram quem os pratica, dando-lhe o amor, a admiração e o respeito das multidões. Seguir por outro caminho é um êrro enorme. Aproveitar a sua energia jungindo-a ao carro das paixões desordenadas, dos desejos impetuosos e inconfessaveis, dos appetites devoradores, é perdêr-se entregando ao Mal o quinhão do Bem, é mergulhar um lirio num pantano, é matar-se moralmente.

Falêmos d'outras coisas:  
Será paciente, activa e sóbria; entregar-se-ha sem custo aos trabalhos mais duros e penosos.  
E' que V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> tem musculos d'aço.  
Hade vivêr a maior parte da vida na dependencia d'outrem.  
As artes dar-lhe-ão dinheiro e boas relações sociaes.

Morrerá muito velha.

Se casar, será um modelo de mães de familia. Terá muitos filhos, todos bêlos e amaveis.

Será bastante religiosa e, mercê deste feitio, fará muitas promessas, algumas de difficil realisacão, mas hade cumpril-as.

Coma bastante carne de vaca em sangue e bastantes ortaliças e frutas.

G. C.

**Veja-se nas capas a senha de consulta e demais requisitos.**

**VARIETADES**

**Almondegas de arroz.**—Coze-se o arroz bem cozido, até ficar enxuto; depois deita-se lhe um bocado de manteiga de vacca e sal, e depois de esfriar um pouco leva ovos e bate-se tudo bem batido, deitando-se farinha para que fique consistente e poder-se frigar em pequenas porções em banha como se fossem *croquettes*.

**DEFINIÇÕES**

*Pintor:* Ha alguns que teem modestia e talento;

Ha muitos que teem talento sem modestia;

Ha muitissimos que não teem modestia nem talento.

Mas que não tenha talento e tenha modestia... não ha nenhum.

*Hesitação:* Relampago que precede geralmente a explosão... duma tolice.

*Hieroglypho:* Assignatura dum ministro.

*Imitadôr:* Ladrão que rouba o dinheiro e deixa ficar a bolsa.

*Inveja:* Confissão implicita de inferioridade.

E' pois uma prova de modestia, mas bem involuntaria.

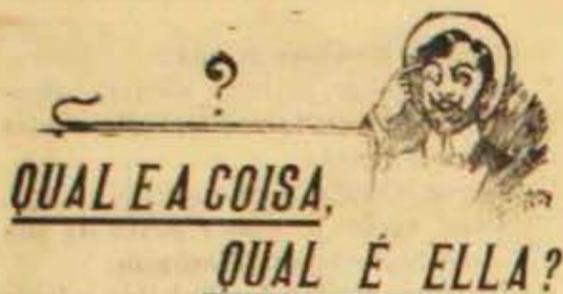
**Cumulos**

*Den'ario:*—Extair da bocca duma peça um dente d'alho.

*Da prevenção:*—Ter um sacarroilhas para abrir fileiras.

*Da limpeza:*—Lavar a honra com sangue de drago.

*Da economia:*—Criar um filho com leite de figos.



**QUAL E A COISA,**

**QUAL E'LLA?**

**O GRANDE CONCURSO  
DA 4.ª SERIE**

**Lista dos premios**

- 1.º — Um serviço de jantar, em porcellana;
- 2.º — Um estojo com escovas em prata;
- 3.º — Uma doceira;
- 4.º — As quatro series do AZULEJOS encadernadas em percalina;
- 5.º — Uma assignatura para a 5.ª serie.

**Condições do Concurso**

1.ª—Decifrar, durante os 15 numeros da 4.ª Serie, maior numero d'artigos alem de 150.

2.ª—Para que os nossos leitores possam concorrer em grande maioria resolvemos modificar a 2.ª condição do concurso, augmentando-lhe o prazo, assim:

Poderão enviar-nos as decifrações durante um intervallo de 15 dias, a contar da data da sua publicação.

A lista dos decifradores e as soluções dos artigos publicados são dadas de 4 em 4 numeros.

As decifrações devem ser enviadas pelo correio cintando a pagina do semanario e pondo-lhe uma estampilha de 5 réis.

**Decifradores**

**DOS  
N.ºs 51 e 52**

*Negrão*-N.º 51-8, 52-5-(13)—*Ziram*-N.º 51-16, 52-11-(27)—*Jó Fera*-N.º 51-12, 52-6-(18)—*Anrofiu*-N.º 51-6—*Açnarepse*-N.º 51-13, 52-7-(20)—*Ze João*-N.º 51-16, 52-11-(27)—*Bucage*-N.º 51-3.

**Decifrações**

Do numero 51

*Sarda, Sardão — Catulo — Navarro — Tabula — Hyperbole — Rosalia — Rosalina — Marcia, Barcia — Necroterio — Mortagua — Monte mór — Solidéo — Henrique Alves — Caldas Barbosa — Careta.*

Do numero 52

*Eleoleo — Cabra, cabro — Ponta, Pontão — Camarada, Pimpão, Vanguarda, Azulejos, Republica, Liberal, Mundo, Seculo, Dia, Novidades, Folha de Lisboa, Epoca, Portugal, Ridiculos, Lucta — Grandella — Infinito contentamento — Cosme, come — Amores de freira, flóres de amendoeira cedo vem e pouco duram — A perseverança tudo alcança — Arcual.*

**Charadas**

Eis, leitor, uma doença  
Com quatro lettras somente  
Que dá no rico e no pobre,  
Que dá mesmo em toda a gente.

Se d'ella duas fizer  
E a segunda metade  
Antepuser á primeira,  
O mesmo mal achar ha de.

Se trocar a segunda e quarta  
E a metter entre a terça e a prima,  
Lendo depois ás avessas  
Tem a doença de cima.

R. S.

**Em phrase**

A preposição com a lettra grega o pronome e o pronome dá a doença-1-1-1-1.

R. S.

**Dupla**

A ave vive n'esta povoação-3.

UM ESTREMOCENSE

**Electricas**

N'esta villa ha uma ave-2.

UM ESTREMOCENSE

Esta villa é banhada por um rio-2.

ODIN

**Augmentativa**

Peixes-2.

JOÃO DA CIDADE

**Novissima**

(A Açnarepse, Cabeça d'Agua & C.ª)

A repetição da parte dos movimentos faz repetir o que se vê 2-4.

R. S.

**Enygmas**

Aqui tem leitor um conto  
Porem é pouco dinheiro,  
Quantos contos são precisos  
Para fazer de banqueiro?

RAMITO

**Por iniciaes**

N E C T N M C V  
I 3 I 2 I 2 I 2

J. P.

L N E M  
2 I I 2

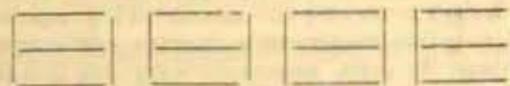
J. P.

**Pergunta enygmatica**

Em que se parece uma ponte com uma costureira?

R. S.

**De palitos (duplo)**



Se tirar sete palitos tem uma ave, se tirar 6 tem um fructo.

A. B.

**Typographico**

P

B. C.

Artigos a decifrar, 13.

R. Xavier da Silva  
Doenças da garganta, nariz e ouvidos  
CLINICA GERAL  
Das 3 ás 5 - Rua da Palma, 133, 1.º

**ANACLETO DE OLIVEIRA** +++++  
◆ ◆ MEDICO-CIRURGIÃO ◆ ◆  
Rua S. Vicente á Guia, 22, 1.º

**Aluga-se**

**Grande Deposito**

— DE —

**MOVEIS DE FERRO**

— E —

**Golchoaria**

— DE —

**JOSE A. DE C. GODINHO**

54, PRAÇA DOS RESTAURADORES, 56-Lisboa

**AOS NOSSOS ASSIGNANTES E LEITORES**

Esta redacção encarrega-se de mandar encadernar a 1.<sup>a</sup>, 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> Serie do AZULEJOS, em panno chagrin, cabeçalho e lettras douradas, ou qualquer côr á escolha do interessado, pela modica quantia de

**600 RÉIS**

A mesma encadernação em percalina

**750 Réis**

Os pedidos devem ser feitos a esta redacção, acompanhados da respectiva importancia.

Para as provincias augmenta o porte do correio.

